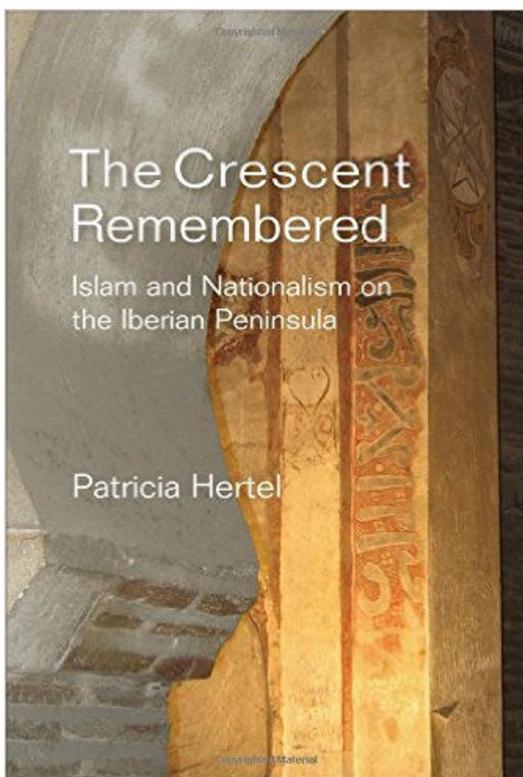


RESENHA

HERTEL, Patricia. *The Crescent Remembered: Islam and Nationalism on the Iberian Peninsula*. Eastbourne: Sussex Academic Press, 2015. 233p.

## O Crescente lembrado: Islã e nacionalismo na Península Ibérica

FELIPE FREITAS DE SOUZA\*



Na presente obra, o processo de exclusão e integração do passado islâmico às narrativas nacionais é o tema que Hertel prioriza para observar a religião em suas interações com os nacionalismos. A elaboração de Hertel demonstra o quanto a religião do Outro pode ser elemento mobilizador dos sentimentos nacionalistas. A concepção dos nacionalismos em Portugal e Espanha ocorreu de modo singular frente ao restante da Europa

principalmente devido à presença islâmica entre os séculos VIII e XV, presença essa que teve continuidade no imaginário político. O objetivo da obra será investigar a relação que as civilizações ibéricas estabeleceram com essa herança islâmica.

A autora, professora de História Europeia na Universidade de Basel, Suécia, vem focando suas pesquisas na história religiosa, política e cultural do Sul da Europa. O livro originalmente é a tradução do alemão para o inglês de sua tese, na qual investiga a relação que diferentes agentes culturais ibéricos estabeleceram, em suas obras produzidas nos séculos XIX e XX, com o legado islâmico. A bibliografia arrola obras em português, espanhol, inglês, francês e alemão, cobrindo pesquisas em nacionalismos e em religião em múltiplos contextos, além de elencar as fontes documentais da autora. O caderno de imagens complementa a leitura, mostrando alguns elementos dessa apropriação do Islã: imagens de festividades, cartazes, produtos, propagandas, jornais, etc. Apesar de a obra relacionar Portugal e Espanha devido a terem um passado islâmico em comum, a autora afirma que nesses dois países não ocorreram processos exatamente iguais no tocante a lidar

com o passado. São processos semelhantes de confrontação com o passado islâmico recente, mas que se distinguem em seus tempos, agentes e resultados. Encerrando cada capítulo, como uma síntese, há uma retomada das convergências e divergências entre as apropriações em Portugal e Espanha, preparando o leitor para uma conclusão que propõe uma importante periodização das posturas perante o Islã na Península Ibérica.

As divisões do livro remetem a um itinerário de pesquisa que encara as representações do Islã em diferentes momentos. Os métodos da história cultural são aplicados a partir de diferentes ângulos em diferentes manifestações da rememoração do Crescente. Ao longo do tempo, o Islã foi concebido de maneira distinta, mas sempre enquanto um grande Outro civilizacional em oposição à Europa. Tal apreensão ainda se faz presente na retórica analítica, sendo fruto das condições do campo historiográfico.

O primeiro capítulo, *Islã como Inimigo Histórico*, aborda a historiografia pós 1492, ano da *Reconquista*. A heterogeneidade de visões sobre o Islã variou das posturas que apreendem desde a presença islâmica como descontinuidade das verdadeiras nações ibéricas ao reconhecimento do legado civilizacional. Enquanto na Espanha os conteúdos das narrativas variavam menos do que o modo como eram narrados, em Portugal o adversário islâmico teve um papel proeminente nos mitos de fundação. O Outro, muçulmano, seria tratado integralmente enquanto inimigo imaginado não só de Portugal e Espanha, mas da civilização europeia.

O segundo capítulo, *Islã como um Objeto de Pesquisa*, relata o surgimento dos arabistas e orientalistas ibéricos. A

reflexão orientalista teve como mote moldar o legado islâmico à concepção dos nacionalismos cristãos. Aborda-se a institucionalização dos estudos arabistas e a tensão que a arquitetura islâmica causou aos que tentaram caracterizar a História das nações ibéricas enquanto fenômeno unicamente cristão. Na Espanha, enalteceu-se a herança visigoda mais do que a islâmica, apesar do surgimento do argumento favorável a um Islã Espanhol. O orientalismo português também teve seus momentos de repulsa e apropriação do Islã; todavia, o conceito de Islã Português não foi aventado, dando lugar à retórica do Ecumenismo Português. O interesse pela pesquisa do Islã com a intenção de defini-lo pela voz daquele que teria um pretense acesso ao pensamento universal, o europeu, se manifesta no XIX e mantém-se enquanto marca da tradição interpretativa Ocidental desde então.

O *Islã como o “Outro Colonial”* relata o interesse espanhol pela “pátria dos mouros” no Norte da África após a perda de suas colônias no XIX. A campanha contra o Marrocos realizada pela Espanha foi seguida da propaganda da benevolência da metrópole via publicações populares, como a revista *Africa*. Já Portugal, enfraquecido pela independência do Brasil, terá no Estado Novo a identificação do Islã enquanto religião inferior ao cristianismo e, posteriormente, como ameaça às suas colônias restantes. Identifica-se também no período a emergência de uma retórica liberal, que enaltece o progresso e a civilização frente ao Islã, se distinguindo da retórica católica, repulsiva aos muçulmanos. Na impossibilidade de vencer o Inimigo Histórico, intelectuais portugueses e espanhóis passaram a localizar o Islã enquanto interlocutor pouco qualificado frente à grandeza da civilização

européia, ameaçador da cristandade espanhola e da grandeza portuguesa.

Em *Islã como Lição Nacional*, temos considerações sobre o modo como o Islã foi projetado enquanto um elemento a ser ensinado tanto a partir de sua escolarização quanto a partir de encenações públicas. Nessas representações, o Islã era tratado ora como um episódio glorioso, mas passado, da vida nacional, ora como uma ameaça perene à civilização. As festividades e encenações públicas garantiriam que as representações estabelecidas sobre o Islã circulassem em todos os estratos sociais, permeando as sociedades portuguesa e espanhola de uma percepção negativa, salvo raras exceções, da religião e seus membros.

O capítulo *Islã como Invenção dos Folcloristas* estabelece uma continuidade com o capítulo anterior ao abordar as festividades e comemorações quanto à expulsão dos muçulmanos, focando como o repertório islâmico foi apropriado nas festividades locais. Tais festividades agem como tradições inventadas, como conceitua Hobsbawm, ao longo do XVIII e XIX, sendo mobilizadas ou influenciadas pelos poderes instituídos, principalmente no século XX. Por exemplo, a ideia de *convivência* entre as culturas ganhou apelo no setor turístico espanhol, enquanto que os portugueses caracterizavam o mouro como aquele do qual se retomou a terra usurpada. Nesse capítulo, assim como no primeiro, há um aprofundamento da discussão sobre a etimologia das palavras mourisco, mouro e *moro*.

Na *Conclusão*, as concepções sobre Islã são periodizadas e a autora compara a Península Ibérica e a Península Balcânica enquanto zonas de contato com os povos muçulmanos. A distinção entre “sua História” e “nossa História”

quando lidamos com as ideias de Europa e Islã indicarão divergências ou convergências de acordo com a situação do campo historiográfico de uma dada época, variando em um processo dinâmico. Será necessário abandonar-se as percepções de que Islã e Europa são conceitos estáticos ou autoexplicativos: tratam-se de categorias ambíguas na descrição do passado e do presente, estando abertos para apropriação pelas narrativas, nacionalistas ou não. Quando essas categorias são definidas, demonstrarão o pertencimento ideológico de seus elaboradores em suas proposições de diálogo ou de imposição.

Refletir como se formam as representações do Islã e seus seguidores é uma ação importantíssima na contemporaneidade. Por fim, o livro é uma excelente contribuição para historiadores e acadêmicos do Islã na Europa e das relações entre religião e nacionalismo. Os posicionamentos sobre o Islã variam de acordo com o período e os interesses políticos: a presente obra é um estudo diacrônico e comparativo cuja proposta metodológica pode ser estendida para outros casos de formação de identidades nacionais.

Recebido em 2017-02-15  
Publicado em 2017-05-04



\* **FELIPE FREITAS DE SOUZA** é Mestre em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais; aluno no Instituto Latino Americano de Estudos Islâmicos e membro do Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes.